

Paixão faz jovem morar na rua

Moisés Ferreira, de 21 anos, saiu da Paraíba sem dinheiro para ir ao Paraná, onde mora garota que conheceu pela internet

Aline Nunes
Marianna Aguiar

Por um amor virtual, um jovem se dispôs a ficar ao relento, tomar chuva e sol, tornar-se ambulante e dormir na rua.

Esse é um breve relato da história do jovem paraibano Moisés Ferreira, 21 anos, com ensino médio completo e que, até o ano passado, era sustentado pelos pais.

Ele saiu da cidade de Patos, na Paraíba, e pretende chegar a Santa Helena, no Paraná, onde mora Daiane, a garota que conheceu pela internet.

Só que a viagem entre esses dois extremos não tem sido fácil. Tornou-se vendedor ambulante e dormiu na rua para conseguir viajar ao encontro da namorada

virtual, no ano passado.

Lá chegando, apenas com a roupa do corpo e sujo, foi recebido de braços abertos por Daiane, mas não por sua mãe. “Ela falou na minha cara que a filha merecia coisa melhor.”

Moisés insistiu por duas semanas, dormindo num posto de combustível, mas decidiu voltar para a Paraíba. Até que, há 20 dias, a própria “sogra” ligou para ele, dizendo que Daiane estava deprimida após a partida do namorado.

“Agora, tento retornar para lá. Parei aqui (abrigo) porque não tinha dinheiro para continuar a viagem e estão tentando uma passagem para chegar ao Paraná. Na Paraíba não me faltava nada, mas não posso deixar de tentar. Eu amo a Daiane”, revelou Moisés, que está em Vitória desde o mês passado.

Mas o caso do jovem da Paraíba é exceção na realidade dos migrantes que chegam ao Estado. De acordo com a gerente de atenção à população em situação de rua de Vitória, Anabel Araújo Pereira, a maioria vem em busca de emprego temporário, geralmente em lavouras de café e construção civil.



MOISÉS, HOJE NUM ABRIGO: “Na Paraíba, não me faltava nada, mas não posso deixar de tentar. Amo a Daiane”

EX-GRÁFICO



Briga de família

Num lugar em que mal cabe uma pessoa de pé, coberto por uma lona preta e à margem da baía de Vitória, vive Edson, 54 anos. Um tanto arreído, ele prefere não detalhar a razão para estar morando na rua. “Briga de família”, resumiu.

Há cerca de dois meses, esse é o

abrigo deste homem que, por 23 anos, trabalhou como gráfico. Questionado se guardava algo da época, respondeu: “Só lembranças”. Nas mãos, um copo com um tanto de cachaça. Mas ele mostrava-se lúcido. A bebida era para esquentar o final da tarde fria de sexta-feira.

EMOÇÃO

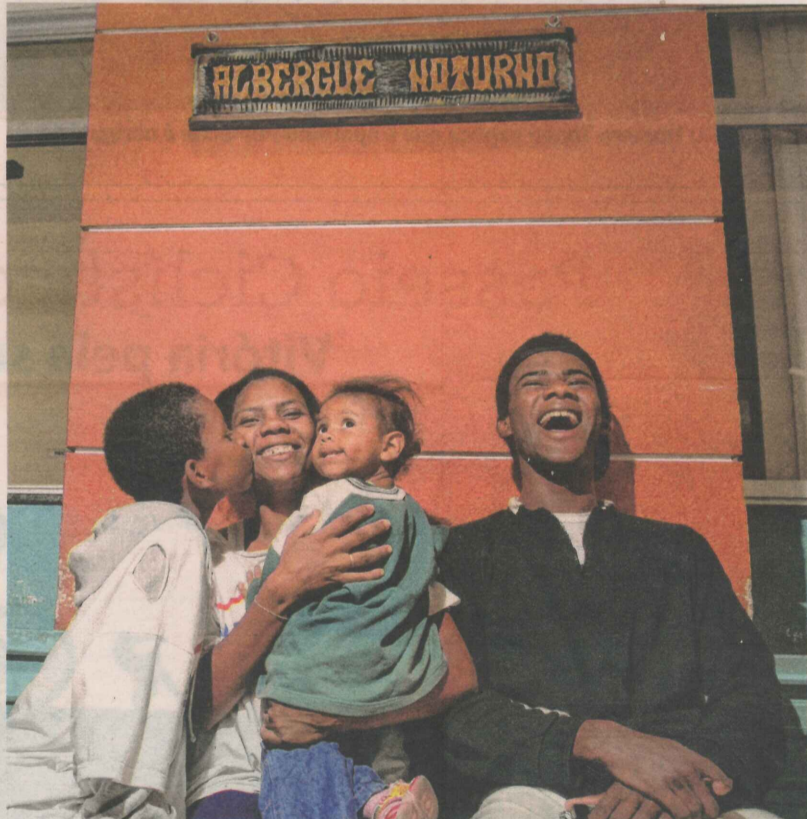


Ela era cantora de forró

No interior de São Paulo, Regina Moraes, 25, foi vocalista de uma banda de forró. Era a grande paixão de sua vida mas, ao ser abandonada pela mãe, se afastou dos palcos e entrou em depressão.

Depois, um problema de saúde a

deixou ainda mais abatida mas, disposta a mudar seu destino, resolveu arriscar-se em Vitória. Só não esperava ser roubada e, por isso, está num abrigo. Durante a conversa, quando foi instigada a cantar, Regina soltou a voz e emocionou.



A BAIANA Cremilda com os filhos e o irmão: “Tudo é difícil”, desabafa

Família sem dinheiro para pagar aluguel

A história de abandono começou na infância para a jovem Cremilda Bonfim dos Santos, 25 anos. Deixada pela mãe com uma prima, sofreu maus-tratos e, por isso, foi viver com seu primeiro marido aos 10. Com ele, teve dois filhos. Um dos meninos, David, hoje a acompanha.

Isso tudo se passou na Bahia, numa cidade chamada Jaguaquara, próxima a Salvador, e quando seu casamento acabou, resolveu tentar a sorte em São Paulo. Por lá, conheceu o novo companheiro, Jean Maurício, e, após altos e baixos, desembarcaram em Vitória.

Antes de conseguir vaga num abrigo da prefeitura, dormiram al-

guns dias na rua. “Tudo é difícil. Passa a hora de comer, passa a hora de tomar banho e, sem dinheiro, não há nada que a gente possa fazer”, desabafou.

O drama do desamparo foi vivido por Cremilda, que carrega nos braços a pequena Paola, de 1 ano e 10 meses, o irmão Juvenilson, 17, David, 9, e o marido que, na semana passada, conseguiu uma vaga como pedreiro numa construtora.

“Agora, a gente espera poder alugar uma casa quando sair o primeiro salário do meu marido”, comentou Cremilda.

“Só não vamos ter nenhum móvel para levar”, acrescentou.

Albergues dão comida e cama, mas estão lotados

O município de Vitória está com a capacidade esgotada de vagas para a população de rua e migrante. Ao todo, são 226 vagas em hospedagem noturna, duas casas-lares, dois centros de atendimento diurno e um albergue para migrantes.

A informação é da gerente de atenção à população em situação de rua, Anabel Araújo Pereira.

“Por ser capital, pessoas de toda a Região Metropolitana vem para cá, mas a capacidade está cheia. Em abril, fora os que já estavam abrigados, 105 pessoas foram abordadas”, disse.

Anabel Pereira explica que muitos entram e saem do abrigo devido ao vício em drogas. Cerca de 70% são homens. Eles são atendidos por assistentes sociais e psicólogos.

“A maioria dessas pessoas tem baixa qualificação profissional e educacional baixa. Alguns são encaminhados pelo serviço de abordagem de rua, acionados pelo telefone 156”, falou.

No albergue para migrante, os sem-moradia ganham alimentação, kits de higiene pessoal e podem ficar durante sete dias.

OS NÚMEROS

226 vagas
para pessoas em situação de rua

90%
das pessoas têm algum vício